

A AUTORIDADE DE JESUS CRISTO

[Estudo 05 - Marcos 1.21-28]

Depois de chamar Pedro, André, Tiago e João, o Senhor Jesus se dirigiu para Nazaré onde declarou: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19)*. O povo ficou maravilhado com Suas palavras cheias de graça (Lc 4.22), mas imediatamente começaram a questionar Sua autoridade. Os judeus ficaram furiosos e tentaram matá-Lo, mas Jesus escapou milagrosamente por entre a multidão (Lc 4.30).

Depois de ser rejeitado em Sua cidade natal, Jesus desce até a cidade de Cafarnaum, onde foi reconhecido como alguém que possuía autoridade. O texto em destaque, Marcos 1.21-28, é uma passagem que ilustra a autoridade soberana de Jesus Cristo. Marcos já havia destacado a autoridade de Cristo sobre Satanás, o pecado e os pecadores nos versículos 12 a 20. Agora, mais uma vez, Sua autoridade é vivamente exposta, não deixando dúvidas sobre o Seu poder em ensinar e libertar os cativos do inferno.

I. A autoridade proclamada

“Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga. Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1.21-22).

Os quatro discípulos acompanharam Jesus até a cidade de Cafarnaum, localizada à margem noroeste do mar da Galileia. O nome Cafarnaum significa “aldeia de Naum.” Provavelmente uma referência à cidade natal do profeta Naum.⁷³ Cafarnaum era uma cidade grande com cerca de dez mil habitantes e ficava ao longo de uma importante rota comercial.⁷⁴ Foi ali que Pedro, André, Tiago e João mantinham sua companhia de pesca, e onde Mateus trabalhou como coletor de impostos (Cf. Mc 1.29; Mt 9.9). Jesus nasceu em Belém, cresceu em Nazaré, mas quando começou Seu ministério público, deixou Nazaré e fez da cidade de Cafarnaum sua base, o centro do ministério na Galileia (cf. Mc 2.1; Lc 4.16-31).

Cafarnaum era um lugar bonito, ainda é, mas era também, um lugar muito pecaminoso, longe de Jerusalém e das “influências Sagradas” do judaísmo. Era um lugar decadente. Na verdade, em Mateus 11, Jesus denunciou o pecado de Cafarnaum: *“Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram,*

⁷³ MacArthur, J. (2015). *Mark 1-8* (p. 59-60). Chicago, IL: Moody Publishers.

⁷⁴ Elwell, W. A., & Comfort, P. W. (2001). In *Tyndale Bible dictionary* (p. 256). Wheaton, IL: Tyndale House Publishers.

teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo” (Mt 11.23–24). Jesus condenou o povo de Cafarnaum, porque, apesar de muitos milagres, não se arrependeram. Cafarnaum tinha sido “elevada até o céu” ao receber o privilégio de ter o Messias ali. No entanto, seus privilégios só trouxeram maiores responsabilidades e maior julgamento. Cinco dos dez milagres registrados em Mateus 8-9 foram realizados em Cafarnaum.⁷⁵

“Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga” (Mc 1.21).

Nosso texto mostra-nos um típico dia de sábado para o nosso Senhor. Ele foi até a sinagoga, onde ensinou a Escritura Sagrada. A sinagoga era o centro da vida religiosa para o povo judeu. Era o local onde os judeus se reuniam semanalmente no sábado para adoração.⁷⁶ O culto incluía orações, o canto dos Salmos, várias leituras da Escritura e um sermão ou tempo de ensino das Escrituras.⁷⁷ Jesus tinha o costume de participar da sinagoga todos os sábados (cf. Lc 4.15-16).

Agora, ninguém poderia se levantar e começar a ensinar na sinagoga. A pessoa deveria ser convidada. Havia rabinos e professores regulares, mas também havia professores convidados de tempos em tempos. Esse privilégio era frequentemente estendido aos rabinos visitantes, como aconteceu com Jesus. O apóstolo Paulo também usou tais oportunidades para proclamar o Evangelho em diversas cidades ao longo do Império Romano (cf. At 9.20; 13.5; 18.4; 19.8).

Jesus já havia começado seu ministério público de pregação. O evangelho de Lucas nos diz que era costume de Jesus ir à sinagoga a cada sábado, por isso era natural que o principal da sinagoga O convidasse (Lc 4.16). Observe que Marcos não diz o que Jesus ensinou naquela manhã. Em vez disso, ele se concentrou na resposta do povo. A ênfase não era tanto sobre o que Jesus ensinou, mas como ensinou. Ele ensinou com autoridade.

⁷⁵ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 41). Wheaton, IL: Victor Books.

⁷⁶ O sistema judaico de sinagogas tinha inicialmente desenvolvido no século VI a.C., durante o exílio babilônico. Antes do exílio, o culto se concentrava em um lugar, o templo em Jerusalém. Quando o templo de Salomão foi destruído, e os judeus estavam em cativeiro por setenta anos, as pessoas começaram a se reunir em reuniões de pequenos grupos. Mesmo depois que os judeus voltaram para sua terra natal e reconstruíram o templo, eles continuaram a estruturar a vida comunitária das aldeias e cidades locais em torno do que se tornou sinagogas oficiais (a tradução da palavra grega sinagoga significa “reunião” ou “assembleia”). Como resultado, a sinagoga tornou-se o centro da vida comunitária judaica - um lugar de culto local, uma sala de reuniões, uma escola e uma sala de audiências. Tradicionalmente, uma sinagoga poderia ser formada em qualquer lugar onde houvesse pelo menos dez homens judeus. Consequentemente, cidades maiores no mundo antigo muitas vezes continham inúmeras sinagogas. MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 59–60). Chicago, IL: Moody Publishers.

⁷⁷ Feinberg, C. L. (1996). Synagogue. In D. R. W. Wood, I. H. Marshall, A. R. Millard, J. I. Packer, & D. J. Wiseman (Orgs.), *New Bible dictionary* (3rd ed., p. 1142). Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity Press.

“Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1.22).

Quando Jesus começou a explicar o texto bíblico perfeitamente com clareza, convicção e autoridade, seus ouvintes ficaram atordoados. Nunca tinham ouvido nada parecido. Marcos diz que eles ficaram “maravilhados” (*ekplesso, em grego*), que literalmente significa “fora de si”. Eles “entraram em pânico, ficaram chocados, ficaram maravilhados”.⁷⁸ Eles foram nocauteados pela maneira como Jesus ensinava. A mensagem de Jesus foi tão fascinante e poderosa que Sua audiência se sentou em um silêncio atordoada diante de cada palavra que Ele pronunciava (cf. Lc 19.48).

“... porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1.22).

As pessoas ficaram maravilhadas porque Jesus não ensinava como os escribas, os professores da Lei de Deus, os rabinos. Os escribas eram os teólogos da época, os pregadores e professores nas sinagogas. Porém, ao contrário dos professores da Lei, Jesus falava com autoridade. A palavra autoridade (*exousia, em grego*) fala de regra, domínio, jurisdição, de pleno direito, poder, privilégio e prerrogativa. Jesus ensinou com absoluta convicção, objetividade, domínio e clareza. Ele falou a verdade com a confiança inabalável do Rei divino, e as pessoas só podiam responder com admiração (Mt 7.28-29).⁷⁹

A maioria das pessoas só tinha acesso limitado às Escrituras, cujas cópias eram muito caras. Consequentemente, elas se dirigiam até a sinagoga para ouvir parte das Escrituras que eram explicadas pelos escribas (cf. Ed 7.10; Ne 8.4-8). Os escribas tornaram-se tão venerados que receberam o título de “rabino”, que significa “honrado”. Todavia, para dar credibilidade ao ensino, os escribas citavam outras autoridades, mas Jesus falava com a autoridade de Deus (Mt 5.17-48).⁸⁰ Como declarou em João 7: “O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou...” (Jo 7.16–17). Ele é o próprio Deus, de onde as Escrituras provieram.

Entretanto, o silêncio na congregação foi violentamente interrompido pelos gritos de um homem possesso de espírito imundo. Incapaz de conter-se, o espírito imundo gritava com raiva em resposta à verdade que o Filho de Deus havia proclamado.⁸¹ O espírito imundo estava ali, escondido e atento às palavras de Cristo. Para muitos, era mais um adorador e estudioso das Escrituras. Todavia, onde Jesus está presente, o espírito maligno tem que bater retirada.

⁷⁸ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 24). Nashville, TN: T. Nelson.

⁷⁹ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 61). Chicago, IL: Moody Publishers.

⁸⁰ Uteley, R. J. D. (2000). *The Gospel according to Peter: Mark and I & II Peter* (Vol. Volume 2, p. 22). Marshall, Texas: Bible Lessons International.

⁸¹ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 62). Chicago, IL: Moody Publishers.

II. A autoridade aplicada

“Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus! Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem” (Mc 1.23-25).

Não é estranho encontrar esse espírito maligno na sinagoga? O espírito imundo estava justamente no lugar onde a Escritura era explicada. De acordo com Marcos, o homem estava sentado na sinagoga enquanto Jesus ensinava. Que choque deve ter sido para as pessoas na sinagoga!

A palavra “imundo” (*akathartos, em grego*) refere-se às forças sobrenaturais malévolas.⁸² Isto é, o homem estava completamente sob o poder das trevas. Como é a sua natureza, os demônios se escondem no meio da falsa religião, disfarçando-se como anjos de luz (2Co 11.14) e espalhando erro e engano (1Tm 4.1). Como seu líder, Satanás, são mentirosos e assassinos que procuram a eterna destruição das pessoas (Jo 8.44-45).

Mas Jesus é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). Quando Jesus pregou a verdade naquele sábado, o espírito imundo foi exposto. Confrontado pela autoridade das palavras de Jesus, o anjo caído reagiu com um grito aterrorizado.⁸³

“Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!” (Mc 1.24).

Em uma explosão de medo misturado com raiva, o espírito maligno perguntou: *“Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!” (Mc 1.24)*. Observe o pronome no plural “nós”. Ou seja, o demônio fala em nome dos outros. Em nome de todos os anjos caídos em todos os lugares.

Lembre-se, Jesus estava ensinando que o reino de Deus estava próximo - e isso significava que o reino de Satanás estava chegando ao fim. E então o demônio questiona: “Você veio nos destruir?”. A resposta é sim. Em 1João está escrito: *“Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1Jo 3.8)*. Além disso, o livro de Apocalipse deixa claro que Jesus destruirá Satanás e todos os seus seguidores (Ap 20.10). O espírito imundo sabe que o reino de Deus chegou através de Cristo.

⁸² Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 253). Nashville, TN: T. Nelson.

⁸³ MacArthur, J. (2015). *Mark 1-8* (p. 62-63). Chicago, IL: Moody Publishers.

“Eu sei quem você é - o Santo de Deus!” (Mc 1.24).

Como aqueles que se juntaram ao golpe falido de Satanás (Is 14.12-17; Ez 28.12-19), o espírito imundo na sinagoga, servia na presença de Deus e conhecia cada membro da Trindade. Ele sabia que Jesus era o Santo de Deus, o Rei messiânico que veio para salvar o mundo do poder de Satanás (Lc 4.41).⁸⁴ Em contraste com a maioria das pessoas, o espírito imundo reconheceu o verdadeiro caráter e a identidade de Jesus como o Santo de Deus (cf. 3.11; 5.7).⁸⁵

Ao falar com Cristo, o espírito demoníaco utilizou dois nomes diferentes - um deles expressava sua rivalidade, o outro seu medo - “Jesus Nazareno” e “Santo de Deus!”. A expressão “Jesus Nazareno” carregava um tom de desprezo. Como vimos, Nazaré era uma cidade desprezada até mesmo pelos galileus (cf. Jo 1.46). Os líderes judeus, em particular, usavam o termo como pejorativo, porque acreditavam que o Messias viria de Belém (Jo 7.41, 52). Ao se referir à cidade natal de Jesus, o espírito maligno se juntou ao desprezo das multidões incrédulas.

O espírito imundo também se referiu a Jesus como o “Santo de Deus”, porque estava plenamente consciente de Sua autoridade divina e de que um dia seria lançado no lago de fogo (Mt 25.41), ele temia que a hora de sua destruição final tivesse chegado.⁸⁶ Mais tarde, outros demônios fizeram quase a mesma pergunta: “*Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?*” (Mt 8.29). Eles sabiam que Jesus tinha plena autoridade e poder para expulsá-los. É por isso que eles repetidamente responderam com tanto pânico e consternação (cf. Tg 2.19).

Observe que a reação do espírito mau foi mais apropriada do que a reação da multidão na sinagoga. As pessoas ficaram maravilhadas. O espírito imundo ficou aterrorizado! As pessoas não tinham ideia de quem estava ali ensinando na sinagoga. Mas o espírito mau sabia exatamente quem era Jesus, e isso o aterrorizou!

“Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem” (Mc 1.25).

Embora o dia escatológico do julgamento eterno para Satanás e seus anjos ainda não tenha chegado (Ap 20.10), o espírito mau recebeu uma prévia da autoridade absoluta de Cristo. Ele foi expulso pelo mesmo poder que um dia o lançará no lago de fogo. Jesus repreendeu severamente o espírito maligno e ordenou que o demônio saísse do homem. Jesus não fez nenhum ritual elaborado de exorcismo. Ele simplesmente disse: “Cala a boca e saia desse homem!”.

É interessante que além de Jesus e dos apóstolos, o Novo Testamento nunca apresenta o exorcismo como uma prática em que os crentes devem se envolver. No livro de Atos, por exemplo, enquanto Paulo estava ministrando em Éfeso havia

⁸⁴ MacArthur, J. (2015). *Mark 1-8* (p. 63-64). Chicago, IL: Moody Publishers.

⁸⁵ Grassmick, J. D. (1985). Mark. In J. F. Walvoord & R. B. Zuck (Orgs.), *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Vol. 2, p. 109). Wheaton, IL: Victor Books.

⁸⁶ MacArthur, J. (2015). *Mark 1-8* (p. 64). Chicago, IL: Moody Publishers.

alguns judeus exorcistas que viram os milagres que Paulo realizava. Os sete filhos de Ceva tentaram fazer o mesmo que Deus estava fazendo pelas mãos de Paulo. Então, eles tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre uma pessoa possessa: *“Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega” (At 19.13)*. Em seguida, o espírito maligno respondeu: *“Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo. Mas vocês, quem são? Então o homem que estava dominado pelo espírito mau os atacou e bateu neles com tanta violência, que eles fugiram daquela casa feridos e com as roupas rasgadas” (At 19.15–16)*.⁸⁷

“Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele” (Mc 1.26).

O demônio não teve escolha a não ser obedecer imediatamente à autoridade de Jesus. No entanto, com um protesto final dramático, fazendo com que o corpo do homem se convulsionasse, o demônio soltou um grito final quando saiu, mas não causou nenhum dano. Como Lucas explica no relato paralelo: *“Cala-te e sai deste homem. O demônio, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele sem lhe fazer mal” (Lc 4.35)*.

Os escribas falavam na sinagoga e nada acontecia. Jesus pregou e o demônio saiu. Jesus falava com autoridade vinda de Deus, com a autoridade da presença do domínio de Deus. Como Ele mesmo declarou: *“Se eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Mt 12.28)*. O poder de Deus invadiu o domínio do inimigo, e selou seu destino.⁸⁸

Note que nem Marcos nem Lucas fornecem informações biográficas sobre o homem que foi libertado do poder das trevas. Mas a falta de detalhes é intencional, porque o foco não é sobre ele. O foco é sobre o Filho de Deus, que mais uma vez mostrou publicamente Seu poder divino. Somente o Rei divino tem o poder necessário para destrancar as forças do diabo e libertar as almas cativas. Jesus veio para procurar e salvar o que estava perdido. Somente Ele tem poder e autoridade para salvar.

III. A autoridade reconhecida

“Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem! Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galileia” (Mc 1.27–28).

Mais uma vez, Marcos enfatiza o quanto as pessoas estavam maravilhadas com o ensino e a autoridade de Jesus. Eles ficaram atordoados pela autoridade de Seu ensinamento e igualmente chocados com o poder que exerceu sobre os espíritos imundos.

⁸⁷ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 65–66). Chicago, IL: Moody Publishers.

⁸⁸ Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 47.

Em seguida, eles começaram a questionar: “Que vem a ser isto? Uma nova doutrina!”. O adjetivo “novo” (*kainos, em grego*) significa “sem precedente, recente, incomum, desconhecido”.⁸⁹ Os judeus na sinagoga estavam profundamente impressionados com as palavras e ações de Jesus. Que tipo de pessoa Ele era? Eles discutiram esse assunto entre si, mas não puderam encontrar uma resposta.⁹⁰ Eles ficaram deslumbrados com tudo o que viram e ouviram.

“Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galileia” (Mc 1.28).

A expulsão do espírito maligno foi uma antecipação da cruz, onde Jesus alcançará Sua vitória decisiva sobre Satanás, pois Sua morte libertará definitivamente as pessoas do poder do pecado e do inferno, quebrará o poder de Satanás e estabelecerá o reino.⁹¹ Ainda hoje, o reino está se espalhando e crescendo. A vida e a atividade de cada igreja local é um pequeno sinal do reino de Deus na terra.

O que aconteceu em Cafarnaum se espalhou como cinzas ao vento por toda a região da Galileia (Mc 1.28).⁹² As pessoas ficaram tão maravilhadas que as notícias sobre Jesus se espalharam rapidamente.

⁸⁹ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 430–431). Nashville, TN: T. Nelson.

⁹⁰ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 91.

⁹¹ Wilmshurst, S. (2011). *A Ransom for Many: The Gospel of Mark Simply Explained* (p. 38–39). Darlington, England: EP Books.

⁹² Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 47.

Conclusão:

Naquele sábado em Cafarnaum, as pessoas ficaram admiradas com o ensinamento de Jesus, e grande parte desse ensinamento nos foi preservado nos evangelhos. Você quer conhecer Jesus melhor? Então, leia os evangelhos com frequência e se surpreenda com a pessoa e a autoridade de Jesus!

Não importa o quão desesperado a situação pareça, não importa quão furioso o maligno se enfureça contra a igreja do Senhor, os crentes podem ter conforto em saber que a última derrota do nosso adversário é certa. Nas palavras do magnífico hino “Castelo Forte é Nosso Deus” de Martinho Lutero, o inimigo já está derrotado:

“Se nos quisessem devorar
Demônios não contados,
Não nos podiam assustar,
Nem somos derrotados.
O grande acusador
Dos servos do Senhor
Já condenado está:
Vencido cairá
Por uma só palavra”.